

## 2

### Da Quinta à Clínica: o percurso de uma degeneração

*O Manual dos Inquisidores* narra a decadência de uma família portuguesa após a loucura de seu patriarca, um ex-ministro de Salazar chamado Francisco, durante o 25 de Abril. Mais do que um retrato das décadas de autoritarismo que atingiram Portugal, o romance procura representar os efeitos que tantos anos de fascismo causaram na subjetividade das personagens, indelevelmente marcadas pelo arbítrio, pela microfísica<sup>1</sup> de poder do fascismo que se retroalimentava por meio de uma tirania doméstica e cotidiana, praticada por homens como a personagem principal do romance.

O esforço em tentar acompanhar o efeito dessa tirania caracteriza a própria disposição dos capítulos do livro, que está dividido em cinco grandes grupos, cada um composto por três relatos, que também podem ser encarados como um único relato, dividido em três partes, acompanhado intercaladamente pelo comentário de três personagens diferentes, numa arquitetura que lembra o *volumem comentarium*.<sup>2</sup>

Os relatores são personagens próximas de Francisco: seu filho João; Albertina, a governanta; Paula, a filha bastarda; Milá, amante criada à imagem e semelhança da ex-esposa Isabel. O quinto e último relato é o do próprio Francisco. Os comentários, por sua vez, têm a função de, após cada relato, aprofundar algum aspecto levantado pelo relator.

Os relatos de João recebem o título de *Quando um palhaço voa como um pássaro desconhecido* – referência à associação constante que João faz em seu relato à figura do palhaço e à troça que os corvos fazem constantemente de Francisco - e são comentados por Odete, filha do caseiro de Francisco, por Sofia, ex-esposa de João e por Pedro, tio de Sofia. O segundo relato, *A malícia dos objetos inanimados* – referência a animização dos objetos, carregados por uma atmosfera negativa - é o de Albertina, governanta da casa onde a família de Francisco morava, e é comentado pela cozinheira, pelo veterinário e pela terapeuta ocupacional do lar “Misericórdia de Alverca”, onde Albetina vai morar depois de ser expulsa da quinta.

---

<sup>1</sup> A microfísica seria a propriedade de os poderes não estarem “localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismo que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras” (Foucault, 2000, p.XIV).

<sup>2</sup> “livro de memórias ou registro ou de registros, atas, sumário de acusação ou defesa; ou volume de esclarecimentos sobre determinada obra” Bylaardt (2001, p. 263).

*Da existência dos anjos* – referência à “personagens ingênuas ou de qualquer forma diminuídas”<sup>3</sup> e “religiosamente conotadas com o bem”<sup>4</sup> - são os relato(s) de Paula, filha bastarda de Francisco com a cozinheira e tem como comentadores Romeu, deficiente mental por quem Paula se sente atraída, a ama de Paula, Alice, e César, namorado de Paula que é espancado pelos homens de Francisco para que este a abandone. *Os dois sapatos descalços no êxtase* é relatado por Milá, amante de Francisco, que procura a todo custo transformá-la numa cópia de sua ex-esposa, Isabel que, ao abandonar o marido deixou um par de sapatos que constituem a referência para o título desse grupo de relatos. Ao contrário do conto de fadas, o príncipe fica com o par de sapatos. Não há, portanto, mote para reencontrar a futura princesa. Os comentários desta parte são feitos por Dores, vizinha de Milá, Leandro, o porteiro, e Tomás, ex-motorista de Francisco.

A quinta e última parte do livro, intitulada *Os Pássaros quase mortais da alma* – o pássaro retorna aqui para anunciar a morte, real e simbólica, do protagonista do romance - terá como relato o depoimento do próprio Francisco, já internado em uma clínica após uma trombose. O comentário deste relato é feito por Martins, companheiro de Francisco nas partidas de xadrez e por Isabel, ex-esposa de Francisco que o abandona por Pedro e é por ele posteriormente abandonada. O último comentário não existe, deixando subentendido que este deva ser construído pelo próprio leitor.

A leitura dos relatos/comentários descreve Francisco, antes do 25 de abril, como o soberano de um *locus*, a quinta, que mais parece ser um espaço isolado do resto da sociedade. No entanto, essa impressão é apenas aparente, o poder que Francisco exerce na quinta é parte de uma modalidade de poder existente dentro da pluralidade de poderes que compõe o Estado – poder financeiro, agrário, militar, etc.- e a sociedade. Uma variedade de poderes que possuem como paradigma o micro, seja o pequeno comércio, seja a pequena propriedade rural simbolizada pela imagem da pequena casa portuguesa, representada no livro pela quinta onde Francisco mora com a sua família.

se fechavam na sala do piano a tarde inteira com as criadas de luvas brancas num corropio de bandejas, a governanta a mandar-me brincar para as traseiras, o caseiro a afugentar os corvos e a calar os cães, os advogados, os banqueiros, os gestores, os deputados e os ministros que regressavam já de noite aos seus carros imensos, desapareciam na estrada

---

<sup>3</sup> Seixo (2002, 318)

<sup>4</sup> Idem, p.318

de Lisboa e o meu pai esquecido deles, voltado para a respiração do pântano onde as últimas rolas se sumiam (Antunes, 1998, p.14)

Será na quinta que os mais diversos poderes do Estado Novo convergem para reafirmar a condição de classe dominante eminentemente aristocrática e agrária. Francisco, enquanto proprietário desse espaço, é uma figura que assume um papel fundamental dentro desse teatro político por representar a permanência desse *ethos* em pleno século XX: um papel tão importante que até mesmo o principal dirigente do Estado Novo, Oliveira Salazar, vai aconselhar-se com Francisco na quinta.

[...] e o Salazar para o secretário que abandonava logo a chávena de chá para escrever num bloco

– Aponte a opinião do senhor doutor

o Salazar que se aconselhava com meu pai, diante do assobio das rosas, quanto aos ministros, aos deputados, aos Estados Unidos, à política em África, [...]

(Antunes, 1998, p.77)

A consulta a Francisco, que aparece nessa lembrança de João como uma espécie de oráculo, demonstra a importância que o Estado Novo dava à política interior e exterior, baseada numa mentalidade de origem rural em detrimento de um *ethos* urbano e moderno, que poderia colocar em risco elementos fundamentais da tradição política lusitana defendidos pela tirania doméstica como o patrimonialismo e a soberania patriarcal.<sup>5</sup>

O patrimonialismo, em *O Manual dos Inquisidores*, não significa apenas o uso privado da coisa pública,<sup>6</sup> sentido que essa palavra acabou assumindo na literatura política; mais do que isso, patrimonialismo significa uma identificação subjetiva com os objetos. Enquanto no patrimonialismo tradicional o sujeito utiliza o objeto, no contexto do *Manual*, o objeto acaba por ser uma extensão do sujeito, revelando os seus estados de alma. Nesse processo não são só os objetos inanimados que estão envolvidos pela aura patrimonialista, os animais também fazem parte desse universo.

[...] os lobos da Alsácia que se evaporavam a galope na casa tombando cadeiras, rasgando sofás, destruindo reposteiros, que regressavam ao jardim num temporal de caçarolas e panelas, com pedaços de almofadas, de cortinas, de toalhas e o meu pai disparando contra o susto dos corvos

– O primeiro comunista que se atrever a entrar leva um tiro nos cornos

<sup>5</sup> Bandeira da Silveira (2000, p.181).

<sup>6</sup> Idem, p. 183-4.

(Antunes, 1998, p.17)

O comportamento agressivo dos cães, nesse trecho, acompanha a decadência de Francisco nessa descrição que se prende ao modo especial como os objetos são destruídos pelos cães o que, em outros momentos, imprime à narrativa um hiper-realismo que autonomiza os objetos dentro desse patrimonialismo surrealista. A identificação de cada personagem com os objetos é tão grande, na relação com o patrimônio, que o destino de um acaba sendo seguido pelo destino do outro. No caso de Francisco, depois do surto que sofre ao saber da Revolução dos Cravos, a quinta acompanha a decadência e morte de seu antigo proprietário, definhando, até se transformar em um espectro do que fora anteriormente:

E ao adentrar no tribunal em Lisboa era na quinta que pensava. Não a quinta de agora com estátuas do jardim quebradas, a piscina vazia, o capim que devorava os cães e destroçara os canteiros, a grande casa destelhada onde chovia no piano com o retrato autografado da rainha, na mesa de xadrez a que faltavam peças, nos rasgões da alcatifa e na cama de alumínio que armei na cozinha, encostada ao fogão, para um sono afligido toda a noite pelas gargalhadas dos corvos

(Antunes, 1998, p.9)

O exercício da soberania patriarcal, por sua vez, é semelhante a uma extensão do patrimonialismo: trata-se do mesmo processo, mas direcionado aos seres humanos. Segundo a soberania patriarcal, todos estão subordinados à autoridade do patriarca e a desobediência pode ser punida até mesmo com a morte. Se na prática, esse estatuto pode ser relativizado ou, até mesmo, rompido, no que diz respeito ao núcleo familiar - como no caso de Isabel que trai o marido e abandona a quinta sem maiores conseqüências - no que se refere aos empregados a soberania patriarcal é inexorável. Eles estão em condições semelhantes a dos objetos e sua função é a de ser útil para o patriarca, com um usufruto que lhe permite toda a sorte de abusos, inclusive os de ordem sexual:

[...] dei com a cozinheira estendida de costas no altar, de roupa em desordem e avental no pescoço, e o meu pai escarlate, de cigarrilha na boca e chapéu na cabeça, segurando-lhe as ancas a olhar para mim sem surpresa nem zanga, e nesse domingo depois de responder aos gritos o latim do padre à frente do caseiro, da governanta, das criadas, o meu pai a acender cigarrilhas durante a comunhão.

(Antunes, 1998, p.10)

Nesse trecho do relato de João, a soberania patriarcal aponta para um quadro de despotismo que não obedece a qualquer regra moral que constitua barreira para a exibição da virilidade de Francisco. Nem mesmo a Igreja, sempre uma aliada na defesa do Estado Novo, pôde impedir o gozo despótico desse pai que usufrui da mulher como um bem, objeto de prazer e sustentação política. Desse modo, a exibição da virilidade dentro da lógica da tirania doméstica serve como compensação de uma sociedade fechada, na qual o cidadão é destituído de autoridade cívica e influência social.<sup>7</sup>

O atrito ocasional entre Francisco e a Igreja, provocado por atitudes tomadas por Francisco, como acender cigarrilhas durante a comunhão ou abusar da cozinheira no altar (Antunes, 1998, p.10), não marca uma oposição radical, mas uma redefinição de limites que confirma o papel da tirania doméstica e do discurso religioso como funções complementares dentro das necessidades do Estado Novo – necessidades que exigem que Francisco demonstre a todo custo sua superioridade em relação aos empregados da quinta. Quando, por exemplo, Francisco diz nunca tirar o chapéu da cabeça para que saibam “quem é o patrão” (Antunes, 1998, p.13), ele está afirmando a sua virilidade. Esta afirmação ao mesmo tempo que aponta para a condição subalterna da mulher, também traz subjacente a idéia de que alguns homens são superiores a outros, e só entre eles valeria a pena tirar o chapéu. Assim, a frase de Francisco também nega a existência de uma sociedade democrática, adequando-se ao discurso do Estado Novo que reproduz as relações de poder à medida que elege um segmento da elite como a única via possível para manutenção da ordem.

A crença nessa concepção elitista é tão forte que, ao explodir a Revolução dos Cravos, Francisco é incapaz de pensar nesta revolução como um fenômeno em que a *massa* pudesse ter alguma participação autônoma. Para ele, alguém deveria estar dirigindo mecanicamente esse movimento, e esse “alguém” só poderia ser o fantasma tantas vezes alimentado como uma ameaça pelo Estado Novo – os comunistas:

- O primeiro comunista que se atrever a entrar leva um tiro nos cornos  
a ameaçar com caçadeira o pântano, o celeiro, o pomar e a azinhaga de ciprestes, os lobos da Alsácia a reboarem nos canteiros decependo narcisos
- O primeiro comunista que se atrever a entrar leva um tiro nos cornos.  
(Antunes, 1998, p.17)]

---

<sup>7</sup> Cardoso Pires (1999, p. 135-6)

O próprio João desmente o pai ao constatar que “não havia ninguém na quinta, civis de metralhadora na estrada de Lisboa, comunistas junto ao portão, não havia nada salvo os corvos sobre os eucaliptos e os anjos de pedra” (Antunes, 1998, p.18). Tudo não passa de um surto paranóico abrupto, em meio a uma revolução que também parece acontecer de modo abrupto já que em poucas horas toda a estrutura do Estado Novo cai em poder dos revolucionários. Entretanto, se observarmos com atenção a fala do major, reproduzida pelo relato de Albertina, entendemos que mesmo antes da revolução Francisco já perdia poder:

– São instruções do Presidente do Conselho senhor ministro não são minhas, o senhor Presidente do Conselho afiançou-me que o senhor ministro era um patriota e o primeiro a entender que não devemos alienar os grupos econômicos por agora precisamos dos grupos econômicos do nosso lado.

o Joãozinho a puxar-me o vestido à beira do choro, e o major de braços abertos numa expressão de empreitada sem sucesso

– Está a ser injusto comigo está a jogar a nossa amizade às urtigas sabe perfeitamente que sou pelo respeito às famílias e que se dependesse de mim dava um apertão ao homem que ele nunca mais se esquecia.

(Antunes, 1998, p.130)

Segundo o relato de Albertina, Francisco procura usar a sua influência na política com o objetivo de se vingar de Pedro, amante de Isabel. Porém, Pedro pertence aos “grupos econômicos” que sustentam o Estado Novo e Francisco é aconselhado, pelo major, a declinar de suas intenções de tentar atacar Pedro em nome da manutenção dos interesses econômicos. O destino, entretanto, vai permitir que Francisco se vingue “sem que o major desconfiasse, sem que o ricaço dos olmos de Palmela desconfiasse sequer” (Antunes, 1998,130). Seu filho, João, acaba se casando com Sofia, sobrinha de Pedro, permitindo que Francisco se encontre com a família do amante de sua ex-esposa.

[...] a visitar a sogra no Estoril, de botas de carneira, com o chapéu até às orelhas e uma corrente de berloques no colete, acompanhado pela viúva do farmacêutico, falando com as senhoras ricas como os vagabundos falam e comportando-se como os vagabundos se comportam, o Joãozinho a pensar que era para humilhá-lo e não era, era um restinho de vingança, um restinho de ódio

(Antunes, 1998, p.130-131)

A vingança de Francisco consiste em contrastar as regras de comportamento dessa elite urbana e financeira com o que há de mais distante dos padrões dessa classe social - por exemplo, agir como um vagabundo diante das senhoras da alta sociedade. Mais do que uma simples vingança, esse atrito demonstra a diferença entre duas elites, unidas na defesa do poder, mas que possuem algumas diferenças de comportamento e valores. Por outro lado, a atitude agressiva sustenta a imagem de virilidade que Francisco deve ostentar, o que, por sua vez, reforça a tirania doméstica. Há uma perda do poder de Francisco nessa lembrança de Albertina, mas esta ainda não é a grande derrota política de Francisco.

– Que história é essa homem que diabo de história é essa?  
[...] e o relógio da cozinha soou uma porção de badaladas e portanto amanhecia. Não me lembro que dia era e todavia estávamos em abril dado existirem gralhas novas no pomar e laranjas com pontinhos brancos, o senhor doutor deixara o ministro zangado com o professor Caetano que visitara uma ou duas ocasiões a quinta para o convencer a voltar, recebido não na sala do piano, com a fotografia da rainha a assistir à conversa, mas no quarto ao lado, mais pequeno, quase sem móveis, no qual dava ordens ao caseiro, ao tratorista e ao padre após a missa.

(Antunes, 1998, p.147)

Tanto essa quanto as lembranças seguintes no relato de Albertina formam um intertexto com fatos da história portuguesa cuja referência ajuda muito à interpretação. Logo no início do trecho citado, Albertina faz referência a uma manhã de abril em que Marcelo Caetano visita Francisco com o objetivo de contornar a crise provocada pela sua indicação à presidência do Conselho de Ministros em detrimento do nome do “senhor doutor”. A substituição aconteceu em 1968, depois de Salazar sofrer um derrame cerebral após um acidente<sup>8</sup>, ficando, assim, impossibilitado de exercer o poder e morrendo dois anos depois, em 1970.

[...] furioso por o senhor almirante não o ter escolhido para dirigir o país, ele que na tarde em que o professor Caetano falou para a televisão a agradecer os aplausos tirou da parede o retrato do senhor almirante em que se abraçavam a sorrir.

(Antunes, 1998, p.147)

O “almirante” citado é Américo Tomás, que fora eleito presidente de Portugal em 1958 num processo eleitoral suspeito.<sup>9</sup> Assim que fica comprovada a incapacidade de

<sup>8</sup> Oliveira Marques (1998, p. 640).

<sup>9</sup> Oliveira Marques (1998, p. 637).

Salazar para continuar no cargo, Américo Tomás indica Marcelo Caetano para a presidência do conselho de ministros, e Francisco, uma vez alijado do cargo, convoca nomes da sua geração para a organização daquilo que parece ser uma articulação para que ele seja indicado realmente primeiro ministro ou, então, um outro golpe.

[...] e até à noite, já sem se distinguirem nas trevas, distribuíam pastas, secretarias, embaixadas, comendas, direções-gerais, esquartejando Portugal entre si como um borrego, com o velhote a insistir numa teimosia férrea.

– Não me vou daqui sem a de finanças.

(Antunes, 1998, p.149)

O tom conspirativo, caracterizado por reuniões durante a noite e pela preocupação em não estarem sendo gravados “– Não há microfones pois não tem a certeza que não há microfones escondidos?”(Antunes, 1998, p.148) reforça a idéia de um golpe de extrema direita, um golpe surpreendido pela revolução:

– Não são nossas tropas diz você embaixador Nogueira como raio é que não são nossas tropas?

O senhor doutor desesperado a mudar o rádio de posto, a encontrar as mesmas notícias e a chamar-me num desamparo de naufrago

– Titina

(Antunes, 1998, p.150)

As tropas de que Francisco fala são as tropas do Movimento das Forças Armadas (MFA), inicialmente um movimento de capitães do exército que se organizavam em torno de “uma questão mínima de promoções e de abertura aos milicianos, mas que rápido se transformou numa contestação generalizada ao regime”.<sup>10</sup> O elemento catalisador desse processo de contestação foi o impasse da guerra colonial e a resistência do Estado Novo em não encontrar uma saída pacífica para o conflito. A intransigência do governo português e o perigo de que a repressão se abatesse sobre o MFA não deixou alternativa ao movimento, senão a derrubada do salazarismo.

– As tropas passaram-se para os comunistas diz você isto é alguma brincadeira de crianças isto é algum filme que bodega de tropas me arranjou general?

O senhor doutor a ligar para o Ministério do Exército e nada, para o Ministério da Defesa e nada, a esquecer o orgulho e a ligar para o major e nada, os ministérios vazios, a secreta vazia, o telefone dos quartéis da Ajuda e do Carmo interrompidos, canções sem

<sup>10</sup> Oliveira Marques (1998, p.644).

moral no rádio, o locutor a garantir que tomaram o aeroporto e a televisão e cercaram a polícia política, que Lisboa lhes pertencia e como se isso não fosse o suficiente para me aborrecer o canalha do jardineiro a estragar a relva e a trucidar os goivos, as criadas radiantes com o feriado a pilharem-me a dispensa e o senhor doutor para o bocal num segredinho amargo

– Responda-me com sinceridade embaixador Nogueira os comunistas controlam esta gaita ou não controlam é que se os comunistas controlam esta gaita temos de nos por ao fresco quanto antes.

(Antunes, 1998, p.156)

O trecho do relato de Albertina é um resumo das diversas operações que ocorreram durante a Revolução dos Cravos, iniciada às 23 horas do dia 24 de abril de 1974<sup>11</sup>, quando a Rádio Clube Português (RCP) foi tomada pelos revolucionários. À meia noite e meia, a Rádio Renascença tocou a música de Zeca Afonso, *Grandola, Vila Morena* e, a partir daí, uma série de ações colocaram sob o poder do MFA a central telefônica, a Rádio e Televisão Portuguesa (RTP), em um processo que permitiu, antes do amanhecer do dia 25 de Abril, que todos os principais meios de comunicação audiovisuais caíssem nas mãos dos revolucionários.

Os efeitos da derrota rápida e surpreendente de uma ditadura de quase meio século pode ser vista no romance através da consternação de Francisco diante do um golpe, promovido pelo que ele chama de “comunistas”. Mas, se pensarmos essa revolução dentro da relação entre os vários poderes que compõem o Estado e a sociedade, podemos perceber que o início da crise é representado, pelo o corte das relações entre Francisco e Marcelo Caetano. Além disso, não podemos deixar de considerar que há o anacronismo de todo o sistema que tanto Marcelo Caetano quanto Francisco recusavam a reconhecer e que acabou explodindo, no ponto aparentemente mais fraco, com a questão do Ultramar.

Um exemplo do anacronismo do Estado Novo foi a incapacidade de impedir o crescimento da revolução; rapidamente, o que seria mais um golpe militar se transformou num processo de massa, que, segundo o relato de Albertina, chegou até o coração do regime através da ação dos empregados da quinta que utilizaram o próprio ambiente de trabalho como um meio de se vingar do patriarca – o jardineiro destrói o jardim, a criada saqueia a dispensa. Qualquer um que tivesse alguma relação com o Estado era hostilizado. Desses ataques não escaparam os que estavam ligados à máquina do Estado ou os que

---

<sup>11</sup> Secco (2004, p.117)

possuíam alguma relação de parentesco com algum de seus membros, como lembra Paula, filha bastarda de Francisco, hostilizada durante os primeiros dias da revolução.

[...] a neta da amante do padre que se dava bem comigo e me pedia livros emprestados a cuspir-me na cara.

– Traidora.

as vizinhas a pisarem-me as couves, a matarem-me a criação, a despejarem-me baldes de lixo no quintal a quebrarem-me os vidros à pedrada, o prato de Castelo de Vide ainda o arranjei com cola mas nota-se, os miúdos da praça a tentarem pregar-me rasteiras, a tentarem bater-me.

– Exploradora

(Antunes, 1998, p.202)

Paula se ressentia dessa agressividade praticada por pessoas que a conhecem e que sabem do seu esforço em se manter distante do poder de Francisco. No entanto, a atitude de seus conhecidos, principalmente daqueles que mais lhe demonstravam apreço no antigo regime, indica que as relações sociais dependem fundamentalmente da conveniência e que podem mudar assim que surgirem as condições favoráveis para a mudança.

[...] eu que nunca explorei fosse quem fosse, nunca tive dinheiro, morava numa casita sem tina nem retrete, para as necessidades servia-me de um buraco, num telheiro onde se gelava em fevereiro, atravessando as alfaces de guarda-chuva aberto, e apesar disso as vizinhas a escreverem-me na parede

– Nazi.

(Antunes, 1998, p.202)

A postura dos *amigos* de Paula pode ser compreendida como uma tentativa de se desvencilhar do Estado Novo através da agressão a qualquer coisa que lembre o salazarismo, mesmo que essa lembrança não tenha nenhuma conotação política, como no caso do relato de Paula. O repúdio ao passado, entretanto, impede a observação da continuidade de certos mecanismos, como os de espionagem, que se sofisticaram durante as décadas de arbítrio. Se houve uma ruptura por um lado, por outro, há permanências que fazem questão de se ocultar.

[...] o major que eu encontrava ao sair da Rua Castilho fingindo observar os manequins das montras, que eu encontrava ao entrar na Rua Castilho fingindo observar os homossexuais, que eu encontrava à noite se me chegava à janela, alaranjado pelo néon que o mostrava e o escondia, o major que não falava na televisão, não cumprimentava estrangeiros, não inaugurava hospitais nem liceus, não tinha retrato nos jornais, que existia sem existir, que vivia sem viver, a despedir-se de mim e do senhor ministro num apetite carnívoro.

(Antunes, 1998, p.307)

Nesse trecho do relato de Milá, a figura do major aparece como, em contraste com os outros nomes do Estado Novo antes mesmo do 25 de abril, uma nova forma de exercer o poder. Como ela mesmo diz, o major, não fala na televisão, nem tem retrato nos jornais, e existe sem existir. É importante perceber que dentro da narrativa, este personagem assume uma postura diametralmente oposta à imagem de um Francisco que tenta ocupar os principais espaços do Estado Novo. A invisibilidade do major é a qualidade de uma polícia política que, no Estado Novo, tornou-se literalmente um serviço secreto.

A oposição entre o major e os outros nomes do Estado Novo, principalmente Francisco, também assume características estruturais dentro da narrativa que vão além da diferença entre a função secreta de um e a função pública do outro. Já no modo como são nomeadas as personagens há diferenças substantivas: Francisco é um substantivo próprio, major é um substantivo comum; Francisco é um personagem complexo, o major é praticamente um tipo<sup>12</sup>:

[...] o major que me abria a correspondência, me gravava os telefonemas e as conversas, me seguia os amigos possuía informadores a meu respeito em Palmela, se calhar o jardineiro, o santinho do veterinário, o chofer que não despedi para que ele não soubesse que eu sabia, me fotografava nos restaurantes, junto à casa de uma pequena minha protegida em Campo de Ourique, de uma pequena minha protegida na Praça do Chile, o major indignado com as minhas suspeitas coitadinho, magoado comigo.

– Por favor, não me ofenda senhor ministro

[...] com o país em dossiês nos seus armários metálicos, não só os comunistas, os estrangeiros, os inimigos da Nação mas a gente, compreende a gente, até o senhor almirante, até o cardeal, gente, nós, a gente e as pedras na vesícula da gente, a sinusite da gente, as cáries da gente, o major magoado comigo, numa resignação entristecida.

(Antunes, 1998, p.353)

No último relato, o de Francisco, o “senhor doutor” assume que ele, junto a outros nomes do Estado Novo, estava sendo vítima da investigação do major. Historicamente, fica claro que a Polícia Internacional de Defesa do Estado, a PIDE<sup>13</sup>, tornou-se realmente uma instituição autônoma, e que o seu fim não quer dizer que todo esse aparato construído ao longo de anos de terrorismo ditatorial se tenha perdido. Muito mais provável seria pensar

<sup>12</sup> A personagem tipo não apresenta as contradições de uma personagem complexa que evolui durante a narrativa. O tipo, portanto, vive em torno de uma única característica ou idéia – no caso do major, a defesa do Estado, defesa que exige que todos estejam sendo vigiados, sem exceção. Ver Fiorin (1997, p.104).

<sup>13</sup> Organizada durante a década de 30 a partir da polícia política criada durante a ditadura de 1926 e depois de 1945 suas atribuições cresceram tanto que acabaram por desafiar “a autoridade do próprio Estado – incluindo a das Forças Armadas – e a converteram gradualmente num Estado dentro dele” (Oliveira Marques, 1998, p.651).

que toda essa quantidade de informações passou a fazer parte do novo aparato de espionagem que, numa democracia, funciona como um verdadeiro serviço secreto.

A investigação da PIDE não deixava escapar nem mesmo as doenças dos dirigentes do Estado Novo – um outro contraste entre Francisco e o major, pois já que este “existe sem existir”, não envelhece nem passa, como Francisco, pelo sofrimento de ser internado em uma clínica, logo ele que exerceu tanto poder, agora está submetido a um poder de uma outra natureza – o biopoder.

O biopoder pode ser compreendido como o controle sobre a vida, através de tecnologias e seus dispositivos mais diversos.<sup>14</sup> Esse controle, em relação aos últimos dias de vida de Francisco, atinge a sua expressão máxima por não ser o controle de uma vida em condições normais, mas de uma vida completamente debilitada pela doença. Uma situação de alheamento tão profundo que o próprio Francisco vai acabar admitindo que seu corpo, que dizem que é seu, não lhe pertence, e sim às mãos das enfermeiras que lhe prestam cuidados.

[...] mãos que me levantam, me deitam, me lavam, dão de comer, me entalam um bacio de pernas, eu a correr de mim para o bacio num tilintar de berlindes, me beliscam o queixo afastando-se contentes, corredor fora, levando-me consigo no bacio.

(Antunes, 1998, p.327)

Francisco percebe essa alienação do próprio corpo e consegue até perceber a má vontade das enfermeiras que o atendem; tudo isso se revela na narrativa por meio de uma polifonia, pois há um contraste entre a fala da enfermeira e seus pensamentos, curiosa.

– Caldinho senhor doutor um caldinho de legumes ótimo passado pelo passe-vite uma postazinha de pescada frita sem nenhuma espinha que gastei meia hora a tirá-las seu camelo uma perazinha cozida esta pelo papá toca a andar esta pela mamã mais depressa esta por mim raios parta o velho que também mereço esta é pelo palerma do seu filho para não achar mais magro no dia da visita não vamos assustar o seu filho com um rostozinho chupado das carochas não vamos assustar o seu filho com um rostozinho de múmia vamos ser obedientezinhos senhor doutor engula sacrista do homem que me fecha os dentes engula engoles ou não engoles meu safado?

(Antunes, 1998, p.328)

---

<sup>14</sup>Na verdade o conceito de biopoder está intimamente ligado ao controle das populações (Foucault, 1999) o que torna a sua referência neste romance como uma metonímia do controle dos corpos nas relações de poder. Para uma conceituação de biopoder ver Negri (2003, p.102).

A infantilização imposta aos pacientes da clínica, além de uma alusão à fraqueza, também pode ser associada à própria etimologia da palavra infância (sem voz). Os pacientes não tem possibilidade de reivindicar qualquer coisa, quem reivindica em nome do paciente são os parentes, como no caso de João que reclamou por ter achado o pai um pouco magro; essa negação de uma condição ativa do paciente talvez seja a mais poderosa característica do biopoder.

Pensar a condição dos internados em *O Manual dos Inquisidores* não surpreende pelo simples fato de a internação ser a condição de todos os idosos do romance que tiveram alguma relação de intimidade com Francisco. Além de Francisco, Albertina, a governanta, e Isabel, a ex-esposa, estão internadas. Isso representa uma transição entre os regimes de poder: da tirania doméstica ao biopoder, mas também a exigência de uma sociedade caracterizada pelo desejo da eterna saúde e juventude. Diante desse desejo, o doente e o idoso devem ser isolados.

A memória, dentro do contexto do isolamento e da doença, acaba por assumir um aspecto delirante, pois ela, que não é prisioneira do corpo debilitado, está livre para as mais diversas associações, como demonstram os relatos de Francisco.

A Titina afugentando os gansos com a vassoura, o caseiro que observava o céu mesmo com nuvens, pensava um bocadinho e acertava na hora, o meu filho com um embrulho de línguas de gato, sem se atrever a beijar-me, que não sabia se eu o escutava ou o não podia escutar fingindo um sorriso que se eu conseguisse mover o braço lhe atirava um estalo

- Há que tempos que o não via com umas cores assim pai cores assim pai além da parede o cansaço das ondas, o jipe em que eu viera a enferrujar-se ao sol, trapos de palmeiras dançando os seus cretores e o diretor, preocupado que eu o demitisse, a furar a barriga dos presos com o pingalim

- É fíta deles senhor ministro querem que a gente pense que têm amebiana e andam todos de perfeita saúde não há nem um doente na enfermaria da prisão

(Antunes, 1998, 328)

O trecho demonstra como o delírio estabelece associações entre diversos episódios que revelam alguns pontos interessantes para uma interpretação que procure observar a convergência entre os poderes. A associação entre a clínica e o campo de concentração de presos políticos em Moçamedes é um exemplo desse tipo de associação. O delírio estabelece uma associação, a partir da fala da enfermeira, que passa por uma recordação da quinta até chegar ao campo de concentração onde os presos políticos estão encarcerados em condições subumanas.

A doença nesse trecho é o elemento que vai estabelecer a ligação entre esses dois espaço-tempo diferentes e revelar uma relação cara à obra antuniana: o ambiente psiquiátrico/hospitalar como um espaço concentracinário, semelhante ao campo de concentração no sentido de serem dois espaços construídos no romance como espaços esquizofrenizantes e desumanos.<sup>15</sup>

O delírio produzido por essas condições estabelece os elos para o desenvolvimento da narrativa através de um movimento cronológico diferente do movimento cronológico tradicional. A interpretação desse tipo de narrativa imprecisa será o objetivo do próximo capítulo.

---

<sup>15</sup> ver Antunes, apud Seixo, 2002, 500